

AGONIA E MORTE DA LIGA COMUNISTA INTERNACIONALISTA: combates finais

Alzira Lobo de Arruda Campos*
Álvaro Cardoso Gomes**
Marília Gomes Ghizzi Godoy***

Resumo: Este artigo, visando a contribuir com os estudos sobre a organização dos trabalhadores em partidos políticos, tornada mais efetiva após a Revolução Russa de 1917, trata da agonia e da morte dos opositores de esquerda no Brasil, reunidos efemeramente na Liga Comunista Internacionalista. Por meio das fraturas do discurso hegemônico e das histórias de vida de militantes, objetiva-se alcançar o quadro mais amplo da sobrevivência dos trotskistas na revolução proletária, concentrando a atenção no discurso e na práxis dos dissidentes comunistas, na estratégia dialética da luta de classes e na tática interna de assumir a vanguarda da revolução, considerada como próxima e inevitável.

Palavras-chave: Trotskistas no Brasil; Partido Comunista Brasileiro; lutas entre stalinistas e trotskistas.

Agony and death of the Communist Internationalist League: final battles

Abstract: This article, aiming to contribute to the studies on the organization of workers in political parties, made more effective after the Russian Revolution of 1917, deals with the agony and death of the leftist opponents in Brazil, gathered ephemerally in the Communist Internationalist League. Through the fractures of the hegemonic discourse and the life stories of militants, the objective is to achieve the broader picture of the survival of the Trotskyists in the proletarian revolution, focusing attention on the discourse and praxis of the communist dissidents, on the dialectical strategy of the class struggle and in the internal tactic of assuming the vanguard of the revolution, considered as close and inevitable.

Keywords: Trotskyists in Brazil; Brazilian Communist Party; struggles between Stalinists and Trotskyists.

Agonía y muerte de la Liga Comunista Internacionalista: batallas finales

Resumen: Este artículo, con el objetivo de contribuir a los estudios sobre la organización de los trabajadores en los partidos políticos, que se hizo más efectivo después de la Revolución Rusa de 1917, aborda la agonía y la muerte de los opositores de izquierda en Brasil, reunidos efemeramente en la Liga Comunista Internacionalista. A través de las fracturas del discurso hegemónico y las historias de vida de los militantes, el objetivo es lograr una imagen más amplia de la supervivencia de los trotskistas en la revolución proletaria, centrando la atención en el discurso y la praxis de los disidentes comunistas, en la estrategia dialéctica de la lucha de clases y en la tática interna de asumir la vanguardia de la revolución, considerada como cercana y inevitable.

Palabras clave: trotskistas en Brasil; Partido comunista brasileño; luchas entre estalinistas y trotskistas.

*Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora titular do Programa em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro. Contato: Rua Isabel Schmidt, 349, CEP: 04743-030, Santo Amaro, São Paulo-SP, Brasil. Email: loboarruda@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7264-9368>

** Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é professor e coordenador do Programa de Mestrado em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro. Contato: Rua Isabel Schmidt, 349, CEP: 04743-030, Santo Amaro, São Paulo-SP, Brasil. E-mail: alcgomes@prof.unisa.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5747-2354>.

*** Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é professora do Programa em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro. Contato: Rua Isabel Schmidt, 349, CEP: 04743-030, Santo Amaro, São Paulo-SP, Brasil. Email: mgggodoy@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9546-1683>

Introdução e metodologia

As condições intoleráveis dos trabalhadores brasileiros em inícios do século passado provocaram movimentos grevistas numerosos, que deram ensejo à organização estatal da repressão, por meio da criação de uma Superintendência da Ordem Política e Social, em São Paulo, no ano de 1906. Dedicada a proteger os donos do capital, a superintendência dividia-se em duas delegacias destinadas a combater os crimes de ideias que se chocassem com a ideologia burguesa e os movimentos “subversivos” da ordem social, liderados, de acordo com os policiais, por agentes estrangeiros que levavam os trabalhadores brasileiros “dóceis e ingênuos” à contestação do regime de trabalho, procurando incutir neles instintos revolucionários. Os trabalhadores, por sua vez, não possuíam partidos ou sindicatos que se empenhassem em abraçar as suas reivindicações no caminho de uma consciência de classe¹.

Nesse ambiente, um grupo pequeno, porém aguerrido, de militantes interveio nas fábricas e sindicatos, procurando, por meio de comícios, jornais e discursos, transmitir as teorias revolucionárias do século XIX à massa laboral: o cientificismo utópico, o anarquismo e, em especial, a dialética contida no pensamento de Marx e Engels e dos marxistas em geral.

A disposição dessas lideranças e o descontentamento dos operários juntaram-se para que os movimentos de insatisfação contra a exploração do capital, reformistas por princípio, evoluíssem para a consciência de que essa exploração só teria fim com a vitória dos proletários. Uma vitória de classe, portanto. A passagem de reformistas para revolucionários exigiu um tremendo esforço por parte dos líderes, inicialmente solidários em sua luta, fortemente incrementada após 1917, com a vitória bolchevique na Rússia. A influência anarquista hegemônica até então passou a ser combatida, provocando um primeiro fracionamento nos grupos existentes. Com a criação da seção brasileira do Partido Comunista os desentendimentos entre antigos companheiros tornaram-se mais intensos. Nessa marcha revolucionária houve mais um fato de importância capital: a luta travada entre Stálin e Trotsky na União Soviética cindiu os comunistas em duas facções antitéticas. A primeira, a stalinista, venceu a dos trotskistas, conduzindo-os a uma dupla clandestinidade: contra a polícia política e contra os seus antigos camaradas do partido. Luta desigual, transcorrida durante o governo ditatorial de Vargas, e que ocasionou a derrota dos primeiros trotskistas brasileiros, uma vez que eles pretendiam levar a seção brasileira do Partido Comunista às “verdadeiras” vias marxista-leninistas, que teriam si traídas por Stálin, quando o líder georgiano deixou de lado o internacionalismo, optando pelo socialismo em um só país, e impôs a ditadura do partido como substituição tática à ditadura do proletariado. Estes fatos,

que constituem um dos capítulos mais importantes da história do Brasil, encontram-se insuficientemente tratados pela historiografia, concentrada em estudar os comunistas ortodoxos², deixando em relativo esquecimento os dissidentes e suas dissensões. Com essa atitude, a história do comunismo no Brasil fica insuficientemente esclarecida, tendo em vista o papel de base exercido pelos trotskistas para a conscientização dos operários sobre a sua tarefa revolucionária, no campo teórico e na práxis do materialismo histórico.

Com efeito, os “renegados” do Partido Comunista do Brasil foram expurgados não apenas pelos dirigentes comunistas, mas também por historiadores contagiados pela disciplina partidária, como ocorre com Eric Hobsbawm, que confessa proceder em suas análises como um marxista da “velha esquerda”, fundamentando-se pouco em investigações de primeira mão e tentando refletir sobre os acontecimentos do modo mais lúcido possível, porém não desapaixonado. Com esse princípio, ele declara deixar deliberadamente de lado os dissidentes, por considerar que eles saíram das fileiras do Partido Comunista por falta de coragem revolucionária³. Entretanto, no caso brasileiro, os documentos provenientes da memória operária e da polícia política de Vargas registram fartamente que os camaradas expurgados participaram leal e ativamente da história do comunismo no Brasil⁴. A história do PCB vincula-se diretamente ao estudo do mundo do trabalho, não podendo ser reduzida à perspectiva tradicional, que encolhe as dimensões do universo pesquisado ao aprisioná-lo em quadros fixos e estáticos, tomando por objeto não a classe operária, mas suas representações organizacionais e ideológicas, particularmente substanciadas nas instâncias dirigentes do partido⁵.

Nessa vertente e seguindo a metodologia de Thompson e Hobsbawm, este artigo procura se aproximar de algumas questões suscitadas pela presença de pessoas comuns nos acontecimentos históricos, conhecidas ocasionalmente pela polícia e por jornalistas em busca de narrativas humanas. Essas pessoas, que constituem a maioria da humanidade, apresentam-se, em geral, ausentes da historiografia, deixando poucos traços significativos na narrativa macro-histórica, constituindo, de algum modo, a “arraia-miúda” da revolução proletária. Do ponto de vista metodológico, este artigo compartilha a questão proposta por Hobsbawm de que esses homens e mulheres, senão como indivíduos, mas coletivamente, são os principais atores da história, demonstrando em suas personalidades e circunstâncias de vida o forte peso da consciência política sobre a exploração do trabalho pelo capital, para a organização dos operários em partidos políticos. Assim, os revolucionários “são cercados por um halo milenar, por mais teimosas ou por mais modestas que possam ser suas propostas” (HOBSBAWM,

1999, p. 9). As propostas dos prototrotskistas brasileiros não eram modestas, pois se destinavam a mudar o mundo, mas os meios de que eles dispunham eram notadamente insuficientes para definir as condições objetivas de uma revolução. Não obstante, o estudo desses indivíduos, com suas ideias e comportamentos, faz-se necessário para que se entenda o movimento operário, verificando nele o papel que a experiência histórica de pessoas comuns desempenhou nos movimentos políticos subsequentes. Lembremo-nos que “uma tradição revolucionária é, por sua própria existência, um constante chamado para a ação, ou de simpatia para a ação” ((HOBBSAWM, 1999, p. 82).

Os conceitos de Thompson e Hobsbawam sobre a inclusão de pessoas comuns nas explicações históricas inclinam-se ao exame das fraturas do discurso e de práticas antagônicas, sugeridos, entre outros, por Foucault. Rancière incorpora-se ao quadro de autores de base desta reflexão, quando prefere os discursos e práticas de algumas dezenas de indivíduos “não representativos à majestade das massas e à positividade de suas práticas”⁶. A partir desse esquema interpretativo, as fraturas do discurso sobre a organização partidária dos operários brasileiros unem-se à preferência pela linguagem e prática do pequeno grupo dos prototrotskistas brasileiros, como categorias metodológicas que valorizam o “lugar de fala” dos atores sociais dos fatos investigados, como ocorre, por exemplo, com Alexandre Hecker, ao reconstituir cuidadosamente a história da esquerda democrática brasileira em São Paulo, fazendo com que os protagonistas falassem com sua própria voz⁷. O mesmo autor referencia esta reflexão ao procurar compreender e levantar as ideias socialistas não comunistas, apresentadas no período brasileiro, anterior ao golpe militar de 1964, marcado pela “experiência democrática”, preconizada pelo grupo que fundou e desenvolveu o Partido Socialista Brasileiro em São Paulo (HECKER, 1998, pp. 17-18).

A consulta a fontes que registram a memória operária será capaz de nuançar algumas das análises vigentes, enriquecendo-as com o pluralismo das versões, das lideranças e das raízes ideológicas das esquerdas em São Paulo. Dessa forma, poderá servir à historiografia nacional que se tem ocupado do tema, do qual ressalta a complexidade⁸, agravada por problemas que ainda restam resolver, tais como as famosas lutas internas do partido. Edgar Carone pronuncia-se a respeito, observando que, na fase atual dos nossos conhecimentos, somos compelidos a nos contentar com informações precárias ou duvidosas a respeito dos membros ativistas do partido na década de 1920, enquanto novas pesquisas não vierem a modificar essa precariedade⁹.

A falha indicada impõe limites graves para o conhecimento do PCB em suas dissidências, “ainda pouco estudadas e muito menos esclarecidas, apesar de se tratar de episódios elevadamente significativos, merecedores de atenção pelos valiosos ensinamentos que encerram”¹⁰. Dainis Karepovs nota que a historiografia sobre as cisões no PCB ocupa poucos parágrafos das obras que tratam daquele período, em geral, mantendo a interpretação oficial dos stalinistas. Esta visão estilizada, pouco sistematizada, pouco lastreada por fontes de primeira mão, acaba por desclassificar a visão dos dissidentes, encerrando os saberes no aspecto institucional e burocrático da direção partidária e da Internacional Comunista. É assim que opera Edgard Carone, ao assumir a explicação oficial que responsabiliza personalidades que erraram na avaliação do momento histórico e na condução do partido, pelas cisões ocorridas nos anos relativos à década de 1930¹¹.

José Castilho Marques Neto trata dos dissidentes, ao estudar as origens do trotskismo no Brasil, buscando ensinamentos na dimensão social das vidas de militantes do “contrafluxo”, especialmente em Mário Pedrosa. Com tal procedimento trouxe relevantes aportes a visões que se têm preocupado, talvez em demasia, com o significado puramente político do assunto ou com personalidades já consagradas pela historiografia sobre o Partido Comunista do Brasil¹².

No prisma de Castilho, Alzira Lobo de Arruda Campos estuda os primeiros ativistas dissidentes do stalinismo, preocupando-se com os trotskistas – reunidos efemeramente na “Liga Comunista Internacionalista” – criada em 1931 e desmantelada pela repressão que se seguiu a 1935. Os sobreviventes dessa repressão, aproveitando-se da redemocratização do Brasil, fundaram e desenvolveram o Partido Socialista Brasileiro, como nova organização de combate revolucionário¹³.

Este artigo filia-se diretamente aos três últimos autores citados e tem por objeto o estudo dos trotskistas, na fase final de sua luta.

Como um dos elementos mais significativos do modelo analítico utilizado, segue-se a tendência de conceder voz àqueles que viveram os acontecimentos, buscando testemunhos de pessoas dispostas a mudar o mundo nos arquivos que guardam as suas vozes: os revolucionários e os da repressão. Estas vozes narram a história de militantes que sacrificavam suas vidas na defesa de uma sociedade que eliminaria as desigualdades e os conflitos de classe. “Sonho revolucionário” que se converteu, no espaço de poucos anos, em “solidão revolucionária”. Renegados por seus companheiros de jornadas e perseguidos pela polícia política de Vargas, os trotskistas travaram, especialmente no âmbito dos sindicatos e dos jornais, combates que os

levaram à prisão, à tortura, ao exílio e mesmo à morte. Neste caminho, tinham por companheiros todos os militantes da esquerda revolucionária e mesmo do Integralismo, corrente que gozava da simpatia expressa do próprio aparelho repressor do Estado, até a tentativa frustrada de 1937, que jogou os radicais de direita na rede da polícia política. Esta análise, debruçada embora sobre os trotskistas, integra-se aos amplos estudos já realizados sobre a prisão, tortura e morte dos militantes comunistas, no tempo de chumbo da Era de Vargas e dos generais.

Os anos finais da Liga Comunista Internacionalista

Com a impossibilidade de se manterem como fração do Partido Comunista do Brasil e considerando que deveria haver um só partido operário, os trotskistas criaram em 1931 a LCI (Liga Comunista Internacionalista), cujo nome põe em destaque a principal oposição que faziam ao “socialismo em um único país” assumido pela URSS, após a expulsão de Trotsky, em 1928. Destroçados pela onda de prisões consequente à Revolta Comunista de 1935¹⁴, os remanescentes da LCI deixaram os testemunhos de suas lutas em documentos de várias naturezas, por meio dos quais podemos ter explicações dadas por eles próprios sobre as circunstâncias da luta da esquerda no Brasil. É o que vemos nos trechos da numerosa correspondência epistolar de Aristides Lobo com antigos camaradas da LCI. Uma das cartas, enviada a Mário Pedrosa, diz que ele havia se convencido de que o minúsculo grupo de socialistas do qual os missivistas faziam parte era formado por sentimentais, mas que o sentimentalismo, em última instância, constituía um sinal de humanidade e decência. De acordo com Lobo, a filosofia marxista leninista estava muito abalada, uma vez que o “materialismo e as religiões se equivalem pela tola pretensão de quererem tudo explicar”, sendo ambos sistemas acabados demais para que atraíssem a sua filiação. Lobo manifesta, em sua escrita, que a luta para melhorar o mundo, na qual se empenhara e que lhe custara tantos sacrifícios, era a única significação de sua vida. O “nosso” socialismo, diz ele, era “uma espécie de religião” e ele considerava, assim como Pedrosa, que era absolutamente indispensável a revisão do marxismo, em matéria filosófica. De sua parte, Lobo só permanecia “inteiramente fiel à doutrina econômica e a algumas gerais indicações de ordem política” e achava que não se deveria fazer com Marx o que os positivistas haviam feito com Comte, como uma bússola de ação política¹⁵. Confessando-se moralmente estropiado, como se tivesse arrancado dele “um pedaço da alma”, Lobo explica porque ainda não havia cumprido com seus deveres de militante, escrevendo para

a “Vanguarda Socialista”. Ele se limitava a pagar regularmente as mensalidades e a conversar de vez em quando com os companheiros, tendo sido inscrito no Partido Socialista. Com a aproximação das eleições municipais, deveria fazer, como sempre, alguns discursos, embora lhe faltasse o velho entusiasmo. Mas sentia, aos poucos, que recuperava as forças e que havia muita coisa que dizer em benefício do futuro movimento revolucionário ¹⁶.

Em algumas trechos de suas cartas, Lobo discorre sobre a sua tristeza profunda diante do fracasso do projeto político da LCI, pelo qual amargara 27 prisões e alguns exílios ¹⁷. Ao seu amigo Mário Pedrosa confia sua desilusão sobre os rumos políticos do país e os finalismos doutrinários da filosofia de Karl Marx. Mesmo nas passagens que registram lamentações pessoais, Lobo deixa claro que não se afastara de sua condição de militante, tendo aderido ao Partido Socialista, agremiação que acolheu boa parte dos trotskistas sobreviventes à repressão policial. A esse respeito, a Delegacia de Ordem Social, em 26/4/1937, informa que, de dez trotskistas, só três continuavam aprisionados: Hylcar Leite, Fúlvio Abramo e Aristides da Silveira Lobo. Ariston Russoliello não tinha sido encontrado; Manoel Medeiros faleceu no cárcere, em 17/8/1936; Fuad de Melo fugiu da prisão, em 10/2/1937, o mesmo ocorrendo, dez dias depois, com João Matheus e Vítor Azevedo Pinheiro. Josefina Gomes e Fernando Salvestro tinham sido soltos em 3/3/1937 ¹⁸.

A Liga Comunista Internacionalista, após o movimento de 1935, confinou-se principalmente no Rio de Janeiro, onde, em três de janeiro de 1937, os trotskistas remanescentes, juntamente com alguns militantes egressos do PCB (liderados por Febus Gikovate e Barreto Leite Filho), passaram a se denominar POL (Partido Operário Leninista). Alguns historiadores afirmam que o POL se formou em 1936 e foi o resultado “de uma cisão ocorrida no movimento trotskista internacional que opôs aqui no Brasil duas importantes lideranças: Mário Pedrosa e Aristides Lobo”. Mário Pedrosa teria levado a melhor, mas na realidade o POL não chegou a se transformar e a atuar como um partido ¹⁹.

A afirmação acima conflita com os documentos, uma vez que eles indicam claramente que a cisão internacional foi provocada pelas correntes do ingressismo e do anti-ingressismo ²⁰, que teriam oposto Mário Pedrosa a Aristides Lobo, resultando na formação do grupo “Fernando-Alves” (em finais de 1934) e não do POL, fundado no ano de 1937, quando os dois líderes trotskistas já haviam feito as pazes, como demonstra a correspondência trocada por eles.

Um impresso, existente no *FLBX*, explica a fundação do “partido da revolução proletária”, o POL, identificando-o como herdeiro da LCI. De acordo com as explicações dadas por esse documento, o Grupo Bolchevique-Leninista (antiga LCI), a Oposição Comunista do

PCB e outros grupos de militantes e intelectuais haviam constatado a necessidade de reagrupar a vanguarda proletária sob nova bandeira, com a formação de um partido que fosse realmente o herdeiro das tradições de luta dos trabalhadores do Brasil. A LCI transformou-se no GBL (Grupo Bolchevique-Leninista), como passo inicial no sentido do reagrupamento da vanguarda revolucionária. Assim o GBL representou no momento histórico o traço de união entre duas etapas distintas. O POL formara-se com a união de todos esses grupos ²¹.

O POL continuou a publicar *A Lucta de Classe e Pela Quarta Internacional*, sob o título *Boletim de Informações Internacionais*, além de um novo órgão: *Sob Nova Bandeira*. O órgão oficial da antiga LCI passou a ser editado pelo Comitê Central Provisório do Partido Operário Leninista. Estilo e temática diferem pouco da primeira fase da *Lucta de Classes*. O número de 25 de janeiro de 1938 desse jornal critica duramente os stalinistas, analisando a crise do PCB, iniciada em fins de 1937. Diante da situação, restaria uma única alternativa a eles, que era a de conduzir a luta de modo consequente até o fim, escapando do que eles chamam de “atmosfera venenosa do stalinismo” e reestudando as obras de Marx, Engels e Lenine, às quais os dissidentes não juntaram as de Trotsky, provavelmente por tática do grupo, mas também pela posição contrária ao culto à personalidade, por eles assumida desde o início da cisão partidária. Segundo a matéria jornalística, também seria preciso investigar cuidadosamente as causas das derrotas do proletariado na Alemanha em 1924, na China em 1927, na Alemanha novamente em 1932 e no Brasil em 1935 e 1937, além das divergências surgidas na Internacional depois da morte de Lenine, meditando sobre o problema da revolução permanente e o da construção do socialismo num só país. ²²

Enfim, continuar a política rotineira da extinta Liga Comunista Internacionalista, nas novas circunstâncias históricas do Brasil e do mundo.

Os trotskistas na visão da polícia carioca e diante do Tribunal de Segurança Nacional

Em 1938, os trotskistas voltaram ao noticiário jornalístico. A polícia carioca, aparentemente muito menos preparada do que a de São Paulo no assunto “comunismo”, comparece às páginas do *Diário da Noite*: ela havia “estourado” um centro de propaganda extremista dedicado à divulgação subversiva, localizado na Rua Buenos Aires, liderado pelo trotskista Pasquale Petraccone, apontado como o chefe do Socorro Vermelho e o representante no Brasil da IV Internacional. De acordo com a matéria, a fim de servir a seus objetivos revolucionários, Petraccone havia fundado a Livraria Editora *Unitas*, especializada em publicar

e divulgar livros subversivos, seguindo a corrente filiada a Trotsky. A tática seguida encontra-se sumariamente descrita: a partir da sede carioca, Petraccone (ou “Petraccuoni”), enviava a Aristides Lobo, em São Paulo, as ordens que recebia de Moscou. Trata-se, à evidência, de um contrassenso policial, uma vez que os dissidentes opunham-se, por princípio, não ao Partido Comunista, que continuavam a considerar como o seu, mas ao controle da revolução pelos líderes stalinistas. Na mesma linha, Lobo é identificado como outro “representante de Moscou” e como um “comunista conhecidíssimo” do Departamento de Ordem Política e Social, em sua seção paulista. O relatório afirma que Petraccone era o responsável pela distribuição de dinheiro do Socorro Vermelho aos presos políticos e comunistas desempregados. A “batida policial” na Editora *Unitas* confiscou as cartas trocadas entre Lobo e Petraccone citando outros integrantes do círculo da *Unitas*, como Victor de Azevedo Pinheiro e Francisco Leoni, ambos fichados pelas polícias do Rio de Janeiro e de São Paulo. Mary Houston Pedrosa é apresentada como um elemento destacado da ala trotskista do PC, partilhando da responsabilidade quanto à gestão do Socorro Vermelho, com a função primordial de angariar dinheiro para ser distribuído entre os comunistas foragidos e os que se achavam presos. Elias Mariano da Silveira Lobo, irmão de Aristides Lobo (novamente identificado como um dos dirigentes do Partido Comunista em São Paulo), também foi encarcerado como pessoa de confiança do chefe do Socorro Vermelho e vendedor da casa P. Petraccuoni & Cia., no Rio de Janeiro e em São Paulo. A sua função de vendedor facilitaria, segundo o relatório, as ligações que mantinha com os componentes do Socorro Vermelho. Todos os indivíduos presos eram brasileiros e, portanto, seriam submetidos a processo como incursos na Lei de Segurança Nacional²³.

É evidente que o *Diário da Noite* enganava-se redondamente no que diz respeito aos laços que os trotskistas manteriam com Moscou – quebrados de modo definitivo em 1931 – e a organização da Oposição de Esquerda Internacional no Brasil.

A derrubada do POL, poucos meses depois, volta a empolgar a polícia carioca. *O Correio da Manhã*, de 23 de abril de 1938, historia o fato. Os primitivos “próceres” da organização trotskista, tais como Mário Pedrosa, que se encontrava em Paris, representando o seu Partido num congresso de operários trotskistas, Abramo e Salvestri, haviam perdido o contato com seus companheiros. Em virtude desse estado de coisas, o Comitê Central do Partido, localizado em São Paulo, tomara o encargo de orientar os trabalhos de organização do Comitê Regional no Rio de Janeiro, enviando como seu representante Patrícia Galvão, a “Pagu”. Cientificada desses fatos (certamente por agentes infiltrados) e das divergências existentes entre os comunistas, a polícia conseguiu localizar Pagu, que residia à Rua do

Chichorro, 99, na capital federal. Pagu teria resistido a tiros à ação repressora. Pouco tempo depois, a detenção de Odila Nigro permitiu à polícia realizar os últimos trabalhos de desarticulação de uma “importante célula comunista”, efetuada no quartel general da célula descoberta, na noite de 11 de abril. Tratava-se do apartamento de número 9, situado na Rua Montenegro, n.º 243, alugado por Odila Nigro, no qual a polícia prendeu Hylcar Leite, que trazia com ele um mimeógrafo e uma grande coleção de exemplares do jornal *A Lucta de Classe* e da revista *Sob Nova Bandeira*, além de livros marxistas, desenhos e alegorias, de teor claramente revolucionário²⁴.

Uma vez desbaratados em sua organização, os trotskistas tiveram que enfrentar os seus destinos individuais. *A Lucta de Classe* de 22 de novembro de 1938 comenta o julgamento dos dirigentes do POUM (Partido Operário Unitário Marxista), ocorrido a 29 de outubro daquele ano. A sentença, proferida pelo “tribunal burguês”, tivera o mérito de desmascarar inteiramente as “torpes calúnias espalhadas em todo o mundo pelos stalinistas”, que acusavam os militantes revolucionários do POUM de serem agentes de Franco. No Brasil, a reação aumentava. Os juízes do TSN (Tribunal de Segurança Nacional) foram instados pelo governo a julgar por convicção, de modo inteiramente independente de provas ou depoimentos, tomando como fidedignas as declarações das autoridades policiais e incorporando a seus julgamentos as sugestões dessas autoridades sobre as penalidades que os acusados deveriam merecer. Com tal linha de comportamento, o TST reduziu-se a uma simples encenação, transformando-se em um aparelho destinado a legalizar as arbitrariedades da polícia, condenando sistematicamente todos os processados antifascistas, que eram embarcados para Fernando de Noronha, a fim de dar espaço, nas casas de Detenção e Correção, a levadas sucessivas de prisioneiros que nelas chegavam, para aguardar processo²⁵.

Hylcar Leite, cujo estado de saúde era precaríssimo, já seguira para Fernando de Noronha, antes mesmo de ter sido o processo a que respondia julgado em última instância pelo TSN. Caneppe, nomeado como diretor da prisão de Fernando de Noronha, havia exercido anteriormente esse mesmo cargo na Colônia de Dois Rios, lugar em que se celebrizara por suas crueldades: os presos tinham uma única refeição por dia, além de um café ralo com um pedaço de pão duro pela manhã e à noite, e qualquer tentativa de reclamação era logo reprimida a pauladas. O regime de trabalhos forçados a que estavam submetidos os internados era de trabalho pesadíssimo de sol a sol, sempre sob a vigilância de fiscais, armados de chibatadas e incumbidos de fazer o trabalho render o mais possível. Hylcar Leite fora condenado a sete anos de prisão²⁶.

O tenente Caneppe comparece várias vezes ao noticiário, como o carrasco dado pelo Estado Novo de Getúlio aos revolucionários da Colônia de Dois Rios, acusado de ter trazido consigo o bestial sistema de fome e terror que havia aplicado durante muito tempo na Ilha Grande. Caneppe havia proibido o banho de sol, substituído o café por mate e estabelecido uma só refeição diária, em uma quantidade reduzida à metade. Além dessas medidas, os pratos foram tirados, sendo substituídos por marmitas e o controle sobre as visitas foi fortemente aumentado. Os presos, famintos e magros, proibidos de receber dinheiro, estavam submetidos a um regime de fome e de terror²⁷.

A vida na prisão merece relatório de “L.” (Lino?) que enfatiza os problemas entre trotskistas e stalinistas. “L.” aprendera a lutar e formara a sua consciência de classe desde 1932, na Juventude Comunista. Ele e seus companheiros conseguiram arrancar o Centro Cosmopolita das garras da polícia; organizaram o mais revolucionário dos sindicatos; e lutaram até fisicamente no sindicato da Rua da Constituição contra as provocações policiais. Em 1936, na Casa de Detenção, onde se encontrava há três anos, fora necessário que os presos políticos que se achavam na Seção Militar tomassem medidas contra as miseráveis condições de vida que lhes eram impostas: péssima alimentação, sem banho de sol, sem água suficiente, faltando até mantas e esteiras para dormir. Foi nessa situação que então se decidiu a fazer uma greve de fome. Mas para que ela surtisse o efeito desejado, era necessário que os presos que se encontravam no pavilhão dos primários dessem aos grevistas o seu apoio e solidariedade. Por isso, eles se dirigiram aos chefes comunistas e aliancistas que se limitaram a dizer que só podiam lhes dar apoio moral. Quanto a trabalho, nada podiam fazer. Depois da greve, começaram a criticar os grevistas por terem aparecido “furadores” do movimento. É claro que a não adesão dos chefes desanimou os elementos da massa, permitindo que a greve fracassasse. Esse fato evidenciaria até que ponto chegava a falta de solidariedade daqueles que só sabiam ser chefes do proletariado nos momentos de baixar ordens e lançar proibições, tal como de cantar hinos revolucionários no presídio. No pavilhão dos primários foi até proibido falar contra a burguesia. Além de tudo, “L.” denuncia que os chefes se apossavam dos auxílios enviados pelo Socorro Vermelho Internacional e os vendiam àqueles aos quais eram destinados. Os trabalhadores conscientes eram caluniados, abandonados doentes, passando fome, muitas vezes sem nenhum amparo, enquanto que aos chefes nada faltava, nem mesmo o dinheiro para jogo e bebidas alcoólicas. Essa situação levou “L.” a acusar os chefes “de perseguirem trabalhadores conscientes que a reação golpeou no terreno da luta, estando nesse caso a nossa companheira P. (Pagu), que sofreu a mais visível perseguição, as mais baixas provocações e até atentados.” Na

mesma situação estava o jovem camarada João Soares de Almeida, que na Praça da Harmonia derramou o seu sangue pela causa proletária. Na prisão, a menor discordância da política antiproletária dos chefes comunistas dava lugar a perseguição, boicote, opressões e expulsões para os mais cruéis recantos do presídio²⁸.

Em cinco de fevereiro de 1940, na capital carioca, Hylcar Leite publica uma circular a respeito do *Vanguarda Socialista*, que já vinha sendo editado há meio ano, informando que o jornal devia-se à iniciativa de um grupo de seis a oito companheiros que dissentiram em alguns pontos sobre o trotskismo, mas que haviam superado seus desentendimentos e afastado o perigo de uma cisão no grupo²⁹. Note-se que o próprio Hylcar Leite diz ter chegado em novembro de 1938 e saído em fevereiro ou março de 1942 da Ilha Fernando de Noronha, o que indicaria que ele escrevera enquanto cumpria pena³⁰.

Mário Pedrosa, que fora para a clandestinidade após a Intentona de 1935, exilando-se dois anos depois na França, trabalhou pela fundação da IV Internacional, participando do Congresso de Fundação sob o pseudônimo de “Lebrun”. Como delegado brasileiro (aparentemente o único), representando o POL e as seções latino-americanas, Pedrosa tomou parte ativa nas discussões. Pierre Naville arrola o POL em seu relatório das “organizações regularmente filiadas” na nova Internacional, estimando em 50 o número de seus membros. Ao lado de Klement, Pedrosa participou da secretaria do Comitê de Organização da IV Internacional, em 1938. Nesta ocasião, Klement e outro camarada foram sequestrados e assassinados pela GPU (polícia política soviética anterior à KGB). Pouco depois, de posse dos arquivos do Comitê, Pedrosa deixou Munique, dirigindo-se aos EUA. Neste país, por segurança, foi sediado o Congresso de Fundação da IV Internacional. Nesse Congresso, Pedrosa assumiu seu posto no Secretariado da IV Internacional. Em 1939, no curso de uma discussão sobre a necessidade de defesa incondicional da URSS, Mário divergiu do Secretariado, sendo dele afastado no ano seguinte. Sua exclusão se deveu às posições por ele assumidas, aliando-se à fração de Burham e Schachtman, do SWP (*Socialist Workers Party*). Esta fração caracterizava a URSS como Estado imperialista e propunha uma política que acabaria por isolá-la durante a II Guerra Mundial³¹. A cisão nas fileiras do SWP tivera início em 1940, quando o partido se dividiu sobre o fato da invasão soviética na Finlândia. A maioria do SWP apoiou o endosso de Trotsky à invasão. A minoria, liderada por Max Shachtman, opôs-se a essa posição, formando um novo *Workers Party*. Schachtman saiu do Comitê Executivo da Quarta Internacional, sendo acompanhado por Mário Pedrosa, um dos poucos membros não americanos daquela organização a apoiar essa retirada³².

A posição de Pedrosa sobre a questão finlandesa refletiu uma cisão que já existia entre os opositoristas de esquerda brasileiros. O POL havia se cindido em 1939 sobre a questão de ser ou não a URSS um “estado operário”. A maioria achava que sim, mas muitos consideravam que a URSS já não era mais um estado operário, por ser governado por uma nova classe burocrática. Estes últimos se retiraram do POL. Entre eles estava Pedrosa. Nesse ínterim, uma nova cisão do PCB providenciou recrus adicionais ao trotskismo brasileiro. Essa cisão ocorreu nos anos de 1936 e 1937, e tinha por finalidade esclarecer a posição do partido na eleição presidencial que se supunha realizar no final de 1937. Uma facção apoiava José Américo de Almeida, uma figura literária e política do Estado da Paraíba, que era o candidato “oficial”. Este grupo era liderado por Lauro Reginaldo da Rocha, o “Bangu”. A outra facção sugeriu que os comunistas lançassem a candidatura simbólica de Luís Carlos Prestes, que estava na prisão. Embora a eleição nunca houvesse ocorrido devido ao golpe de estado de novembro de 1937, o PCB saiu dividido desse acontecimento. Os que se opuseram à candidatura de José Américo controlavam a organização paulista do PCB e se recusaram a atender à determinação do Comintern. Finalmente expulsos do Partido, em 1937, eles se reuniram na Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária, sob a liderança de Hermínio Sacchetta. Esse grupo de dissidentes se uniu ao POL e fundou, em agosto de 1939, em Guarulhos, o PSR (Partido Socialista Revolucionário), após uma pré-conferência dos dissidentes do PCB e do POL, efetuada em abril do mesmo ano. No mês de sua fundação, o PSR liderou a Primeira Conferência Nacional da Quarta Internacional, da qual participaram o POL e alguns sindicatos independentes. A reunião decidiu unir em torno do programa da Quarta Internacional os debates sobre a situação internacional e aceitar as recomendações de Trotsky. As informações acima fundamentam-se em Robert Alexander, o qual, aliás, reproduz quase textualmente Dainis Karepovs, em sua obra *Trotski n'A Luta de Classe*.

A Lucta de Classe foi mantida como órgão central dos trotskistas. Com o início da Segunda Guerra Mundial, o PSR perdeu o contato com a direção internacional e com o seu líder, Leon Trotsky, assassinado em agosto de 1940, em Coyocan, no México³³. Os antigos militantes da LCI consideravam que a posição do PSR era completamente sem sentido na época em que viviam, “depois da tremenda experiência do passado”. Segundo eles, quem não compreendeu que era preciso atingir ao “zero democrático” para depois começar tudo de novo, tirando as lições da experiência, era porque queria parecer posar de revolucionário³⁴.

A “Primeira Conferência Nacional dos Militantes da 4.^a Internacional no Brasil” merece um relato pormenorizado de *A Lucta de Classe*, em agosto de 1939, que merece ser lembrado,

na medida em que apresenta os movimentos finais da ação política dos dissidentes para se conservar na luta revolucionária. O jornal se define como o “órgão do Partido Socialista Revolucionário (Seção Brasileira do Partido Mundial da Revolução Socialista – Quarta Internacional)”. De acordo com o noticiário, a Conferência se destinou a unificar as fileiras dos partidários da nova Internacional e a lançar as bases de um novo partido revolucionário do proletariado no Brasil. Representantes do Partido Operário Leninista e do antigo Comitê Regional do PCB, em São Paulo, que haviam rompido com a 3.^a Internacional, reuniram-se juntamente com elementos vindos de outros setores do movimento operário e, de comum acordo, depois de estudarem longamente todos os problemas da Revolução, resolveram unificar as suas fileiras, com base no programa da Quarta Internacional, fundando o Partido Socialista Revolucionário. A respeito desse fato, *A Luta* argumenta que o simples fato de uma dezena de velhos e novos militantes enfrentarem a situação ditatorial do Estado Novo, dispostos à luta sem tréguas contra o regime capitalista e pela instauração de uma nova ordem social mais justa e mais humana constituía a maior prova de que a Revolução não estava morta. O artigo prossegue: o Partido Socialista Brasileiro era um instrumento político capaz de reavivar o ideal revolucionário de uma sociedade sem classes. A Conferência, por sua vez, ao dar início a seus trabalhos com a aclamação de um Presidente de Honra, constituído pelos “camaradas Trotsky, Alberto Besonchet, Manoel Medeiros, Gonzaga, Lino, Paulo, Pagu e Lituano”, tinha por objetivo assinalar o reconhecimento pela dedicação, firmeza e sacrifício desses militantes da Quarta Internacional no Brasil, que foram perseguidos, presos ou mortos pela reação. Manoel Medeiros morreu no presídio Maria Zélia de São Paulo e o jovem revolucionário brasileiro Alberto Beson – chefe do levante militar de Recife de 1935 – depois de combater durante dois anos ao lado dos republicanos espanhóis, foi “miseravelmente fuzilado pelos stalinistas”, na Catalunha. Lino, velho militante bolchevique-leninista, dirigente do Partido Operário Leninista desde a sua fundação, condenado “à dura pena pelo infame TSN”, achava-se em Fernando de Noronha, “ânimo elevado, confiante na vitória da 4.^a Internacional que lhe abrirá as portas da prisão.” Como podemos acompanhar no texto acima, o tom panfletário e polêmico do *jornal* reflete o antagonismo das correntes em confronto: preso há três anos e torturado pela polícia do Estado-Novo, encontrava-se um jovem lituano, que em vibrante apelo aos operários, publicado no n.º 44 de *A Luta de Classe*, tomara posição ao lado da 4.^a Internacional, relatando as causas do seu rompimento com os “burocratas stalinistas”. Às perseguições habituais por parte dos “beleguins da polícia” juntaram-se agressões por parte dos burocratas que culminaram num espancamento brutal, levado a efeito pelos “gangsters stalinistas”, expressões essas que

frequentavam assiduamente os jornais tanto de um lado, como do outro. Pagu, doente e cumprindo pena, imposta pela segunda vez pelo TSN, do fundo das prisões getulianas, enviou um manifesto de apoio ao Comitê Regional de São Paulo, rompendo com a burocracia stalinista. Nos cárceres paulistas, encontrava-se cumprindo pena “Paulo” (Hermínio Sacchetta), um dos dirigentes da dissidência do PCB, que rompeu publicamente com a “política de traição e de infâmias da claqué banguêsista”. As denúncias são acompanhadas pela informação de que se havia pedido a filiação imediata do PSR ao Secretariado Internacional do Partido Mundial da Revolução Socialista, assim como da eleição de um Comitê Central, escolhido entre novos e velhos militantes do PCB, que permaneceram fiéis aos princípios de Marx e Lenine, recusando-se “a chafurdar na lama do oportunismo stalinista e da 3.^a Internacional”. Para encerrar a reunião, ficaram em pé, com os braços encadeados e entoaram “juntos as estrofes vibrantes do hino imortal dos trabalhadores – A Internacional – erguendo vivas ao PSR, à 4.^a Internacional e à próxima vitória da Revolução Proletária”³⁵.

Aparentemente, o entusiasmo manifestado no ato de fundação do PSR não conseguiu contagiar círculos mais amplos do movimento operário brasileiro, pois os membros da nova agremiação nunca passaram de 200.

Em 1940, Mário Pedrosa retornou ao Brasil. Novamente não resistiu às perseguições policiais e, em 1941, voltou aos Estados Unidos, onde permaneceu até 1945. Durante esse período, Pedrosa abandonou sua crença no trotskismo, estabelecendo relações amigáveis com muitos líderes do Partido Socialista dos Estados Unidos, liderado por Norman Thomas. Quando Pedrosa, uma vez mais voltou ao Brasil, nos últimos meses da ditadura Vargas, havia se convertido num socialista democrático e não teve mais relações com o trotskismo³⁶.

Os companheiros de Pedrosa, no Brasil, seguiam igual orientação. Em 13/9/1937, o agente reservado “R. H.” informa que haviam estado na sede do PSB Aristides Lobo e João Matheus, na companhia de Francisco Giraldes Filho e seu pai, José Pinho de Athayde, Pedro Lafayette, Mathias Simão, Luiz Neves, João Monteiro e outros³⁷. Em 1/10/1937, Aristides Lobo e João Matheus continuavam presentes em reunião do PSB, mas sempre como ouvintes, sem expressar qualquer opinião³⁸.

O grupo da *Vanguarda Socialista* foi, aparentemente, o último reduto coletivo dos opositoristas de esquerda a apresentar uma coesão doutrinária com a antiga LCI, tendo adotado a estratégia das frentes únicas, preconizada pelos prototrotskistas. Mário Pedrosa ocupava o cargo de diretor do jornal e entre seus colaboradores mais assíduos estavam antigos membros da LCI: Aristides Lobo, João Matheus, Edmundo Moniz, Fúlvio Abramo, Hylcar

Leite, Rachel de Queirós. O corpo editorial concedia ênfase às matérias teóricas e práticas sobre o bolchevismo-leninismo, acentuando, obviamente, Trotsky e seus seguidores, e se propondo a tentar desenvolver um trabalho de crítica e de construção relativamente ao passado do movimento revolucionário até 1945³⁹. O PSB da época, de acordo com Singer, distancia-se do PSB atual, que se pretende herdeiro do anterior, mas é reformista e não revolucionário. Apesar de não ser uma agremiação importante no jogo de poder da época, o “velho” PSB exerceu uma função renovadora no plano ideológico da organização partidária de massas, ao ensaiar, pela primeira vez, a inserção da democracia “pura” no Brasil. Em São Paulo, que abrigou o núcleo mais importante do novo partido, os militantes representavam um amplo arco de frações distintas, entre as quais estavam os antigos trotskistas, oriundos de vários momentos da história desta tendência, dissidentes em geral do PCB e estudantes e ex-estudantes do movimento de resistência ao Estado Novo. Juntos, formavam um amálgama expressivo da esquerda não stalinista, no seio do qual logo sobressaiu um conjunto de intelectuais brilhantes, que assumiu a liderança ideológica do partido em São Paulo e no Brasil. Esse grupo, do qual participavam Mário Pedrosa, Hylcar Leite e Aristides Lobo, entre outros, publicou a *Vanguarda Socialista*, um dos mais importantes periódicos marxistas da época⁴⁰.

Com a democratização do Brasil, em 1946, Aristides da Silveira Lobo, que havia sido o primeiro secretário da Liga Comunista Internacionalista, publica na *Vanguarda* as normas gerais para a agitação e propaganda do Partido Socialista, altamente esclarecedoras sobre a analogia especular entre as “definições e diretrizes” do novo grupo com as posições clássicas da LCI: os rebeldes continuavam com a sua causa⁴¹.

Mesmo antes da elaboração de seus princípios revolucionários, a luta contra o stalinismo, nas páginas da *Vanguarda*, continuou a tradição da antiga LCI. O chefe nacional do Partido é fortemente criticado, primeiramente pelo apoio que concedera a Vargas. Prestes e o “queremismo” são assuntos que envolvem as preocupações dos opositoristas em 1945, quando temiam a continuação de Vargas no poder. As críticas continuam, denunciando que Prestes representaria no Brasil o desastre que fora para a revolução proletária internacional a ascensão de Stálin ao poder na URSS. Nos ataques ao secretário geral do PCB embutiam-se posições teóricas e estratégicas dos opositores de esquerda, ligadas à luta de classe, internacionalismo, necessidade de uma vanguarda revolucionária, repúdio à ditadura partidária. De fato, nada de novo no ideário de 1931, a não ser a adaptação tática às condições objetivas da História. Pagu, responsável pela “crítica literária”, julga acidamente a *Vida de Luís Carlos Prestes*, escrita por Jorge Amado⁴².

Aristides Lobo, por sua vez, analisa a atitude de Luís Carlos Prestes de se humilhar diante de Getúlio Vargas, fazendo com que o “rebanho comunista também se humilhasse”, acusando-o de ter sido o responsável pela reação que o seu movimento encorajou, como “o incurável caudilho pequeno-burguês, vaidoso e incapaz de orientar-se politicamente, oscilante entre as posições de mando e a popularidade”. Prestes também é visto como um oportunista completo, que, já em 1931, embora se encontrasse comprometido publicamente com o Partido Comunista, havia recomendado, em carta a um dos seus amigos de São Paulo, que toda a propaganda deveria ser feita em nome dele, o “Chefe”, palavra que grafou com letra maiúscula, quando na verdade não exercia a chefia de coisa alguma, sendo apenas um “aspirante a ditador”, com uma psicologia definida claramente por Silone em *A Escola dos Ditadores*. Em toda a sua vida, a maior preocupação de Prestes sempre foi a de ser chefe, mesmo sem apresentar os atributos indispensáveis de um líder⁴³.

Outra posição dos “vanguardistas” refere-se ao repúdio às Internacionais, por considerarem que os organismos desse tipo viviam somente para frear os movimentos revolucionários nos diferentes países e para solapar a solidariedade internacional dos trabalhadores. De acordo com eles, o internacionalismo não precisaria de órgãos centralizados para realizar-se, como deixaram evidentes quatro experiências dolorosas no movimento operário: a de Marx, a de Engels, a de Lenine e a de Trotsky⁴⁴. A linha editorial da *Vanguarda* deu continuidade à educação ideológica inscrita em *A Lucta de Classe*, publicando textos de Marx, Trotsky e Rosa Luxemburg, entre outros autores clássicos, alimentando sempre a esperança de uma virada próxima que favorecesse o proletariado, avaliada como uma possibilidade concreta. O material publicado apresentava uma notável atualidade ao discorrer sobre a valorização irrestrita da democracia, traço que “distinguia o PSB do resto da esquerda da época, antecipando uma mudança que só se generalizaria no Brasil 30 anos depois, após mais uma longa e escura noite ditatorial”⁴⁵.

Conclusão

As obras sobre os dissidentes comunistas ajudam a esclarecer a história da organização da massa trabalhadora em partidos políticos e a própria a história do PCB, evidentemente incompleta ao eliminar camaradas como traidores do partido e da Revolução, conforme a visão apaixonada dos stalinistas. Os copiosos arquivos produzidos pelos próprios dissidentes e pela polícia política elucidam problemas fundamentais sobre as questões que levaram o PCB ao fracasso interno, que se prolongou da década de 1930 para períodos mais recentes, pondo

abaixo as explicações simplistas de que esse processo teria sido provocado pelo embate de personagens interessadas no controle da massa trabalhadora. Os momentos finais da militância dos trotskistas demonstram que eles se empenharam em continuar a sua luta revolucionária, por meio de embates violentos com os stalinistas, com o uso costumeiro de jornais e de atuação em outras agremiações que criaram ou às quais se filiaram, procurando sempre combater o que consideravam como desvios e distorções dos princípios marxistas-leninistas presentes na Revolução de Outubro. Nesse campo, não se apresentavam sozinhos, mas sim na companhia de todos os partidos e organizações que se opunham ao sistema capitalista. Desde o momento em que se organizou a Oposição de Esquerda no Brasil, as diretrizes impostas por Stálin à teoria e à prática revolucionárias foram denunciadas reiteradamente pelos trotskistas, em especial, no que dizia respeito à opção pelo comunismo em um só país, à substituição da ditadura do proletariado pela ditadura do partido e à ausência do diálogo democrático no quadro partidário. Considerados como trãsfugas da revolução e chamados de renegados, os trotskistas sujeitaram-se à uma dupla repressão: da polícia e de seus antigos camaradas. A historiografia acabou por replicar essa posição, negligenciando as dissidências e os dissidentes do campo geral das lutas revolucionárias nacionais e internacionais. Por meio de uma vasta documentação, também em grande parte deixada de lado nas histórias clássicas sobre o “partidão”, é possível lançar algumas luzes sobre os subterrâneos em que se moveram os trotskistas nas décadas de 1920 e 1930, em suas grandes lutas e pequenas vitórias – luzes que se estendem para as dimensões mais amplas da luta revolucionária, durante as décadas iniciais da organização da massa trabalhadora em partidos políticos.

Notas

¹ CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. “*Tempos de viver*”: *dissidentes comunistas em São Paulo (1931-1936)*. Tese de Livre-docência, apresentada ao Departamento de História da FHCSS da UNESP. Franca: 1998, p. 34. Mimeo

² O termo “ortodoxo” é usado como referência à corrente vencedora – dos stalinistas – que rejeitou, seguindo as diretrizes da Terceira Internacional, qualquer ideia que escapasse às diretrizes do Partido Comunista da União Soviética.

³ HOBBSAWN, Eric J.. *Revolucionários*. 2. ed. Trad. de João Carlos Victor Garcia e Adelângela Saggiore Garcia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, pp. 11-12.

⁴ Os documentos encontram-se publicados em jornais editados pelos trotskistas, em especial *A Lucta de Classes*, por atas de reuniões, manifestos e demais material de propaganda da Liga Comunista Internacionalista, além de cartas, biografias e memórias dos dissidentes do PCB (Partido Comunista do Brasil, depois passado para “Brasileiro”), integrantes do Fundo Lívio Barreto Xavier, do Centro da Memória Operária (CEDEM/UNESP), e de prontuários individuais ou temáticos do Fundo DEOPS, do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁵ HAUPT, Georges. Por que a história do movimento operário? *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, n.º 10, 1985, pp. 211.

⁶ HAUPT, Georges. Por que a história do movimento operário? *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, n.º 10, 1985, pp. 9-12.

- ⁷ SINGER, Paul. Apresentação. In: HECKER, Alexandre. *Socialismo Sociável: História da esquerda democrática em São Paulo (1945-1965)*. São Paulo: Editora UNESP, 1998, p. 9.
- ⁸ GARCIA, Marco Aurélio. Contribuição para uma história da esquerda brasileira, em: MORAES, Reginaldo et alii. *Inteligência brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 194.
- ⁹ CARONE, Edgard. Uma polêmica nos primórdios do PCB: o incidente Canellas e Astrojildo (1923). *Memória & História. Astrojildo Pereira. Documentos Inéditos. Revisa do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro*, n. 1. São Paulo, Livr. Ed. Ciências Humanas, 1981, p. 15.
- ¹⁰ LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos*. São Paulo, Brasiliense, 1982, p. 238.
- ¹¹ KAREPOVS, Dainis. Trotsky n'A Luta de Classe. In. Boletim Bibliográfico CEMAP, São Paulo, n. 3, fev. 1985, pp. 2-14.
- ¹² MARQUES NETO, José Castilho. *Solidão revolucionária. Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- ¹³ CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. *"Tempos de viver": dissidentes comunistas em São Paulo (1931-1936)*. Tese de Livre-docência, apresentada ao Departamento de História da FHCSS da UNESP. Franca: 1998, p. 34. Mimeo
- ¹⁴ Tratou-se de uma tentativa revolucionária e não de uma simples revolta. Por ter sido derrotada, foi denominada na época de "intentona" – "plano insensato" ou "preparação para motim" – o que discrepava dos objetivos revolucionários da ação.
- ¹⁵ CARTA DE ARISTIDES LOBO A MÁRIO PEDROSA. São Paulo, 26 de junho de 1947. FLBX (Fundo Lívio Barreto Xavier). CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms.
- ¹⁶ CARTA DE ARISTIDES LOBO A MÁRIO PEDROSA. São Paulo, 19 de setembro de 1947. FLBX (Fundo Lívio Barreto Xavier). CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms.
- ¹⁷ É preciso observar, ademais, que Aristides Lobo enviudara recentemente de Nancy, sua segunda companheira, após haver perdido, anos antes, a sua primeira mulher, uma russa, representante da Terceira Internacional, que havia falecido durante um de seus exílios em Buenos Aires. CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. Apresentação. In: SILONE, Ignazio. *Fontamara*. Trad. Aristides Lobo. São Paulo: Expressão Popular, 2002. Pela terceira vez, Lobo foi casado com Maria Carolina de Souza Queiróz, a mãe do cineasta Eduardo Coutinho. A estranheza de Celene da Silva Ribeiro, em sua dissertação de mestrado, *Fontamara reescrito no Brasil em 1935* (Universidade Federal de Santa Catarina: Santa Catarina, 2014), sobre a reprodução do livro na tradução de Aristides Lobo pode ser explicada, em grande parte, pela excelência da tradução sobre as demais e pela inscrição do livro no projeto da luta revolucionária de Aristides Lobo. Os editores entrevistaram a sobrinha do tradutor, conseguindo que ela elaborasse uma biografia resumida de Lobo, como "apresentação" de *Fontamara*.
- ¹⁸ INFORMAÇÃO do Delegado de Ordem Social ao Superintendente de Ordem Política e Social. São Paulo, 26/4/37. Prontuário n° 37, v. 2, doc. 114, f. 143. Fundo DEOPS/SP. Arquivo do Estado de São Paulo.
- ¹⁹ GOMES, Angela de Castro (coordenadora). *Velhos militantes. Depoimentos de Elvira Boni, João Lopes, Eduardo Xavier, Hylcar Leite*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1988, p. 204.
- ²⁰ Correntes trotskistas que seguiram ou não a indicação de dar continuidade à luta pelo ingresso no Partido Socialista, após a derrocada da Oposição de Esquerda Internacional ocasionada pelo sucesso do fascismo na década de 1930 e pela intransigência dos stalinistas em aceitar dissidências.
- ²¹ PELO PARTIDO DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA. PARTIDO OPERÁRIO LENINISTA. FLBX. CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms.
- ²² A LUCTA DE CLASSE. Ano VIII, n.o 37 (II). Belo Horizonte, 25/1/38.
- ²³ DIÁRIO DA NOITE, 13/1/38. Fundo DEOPS/SP. Arquivo do Estado de São Paulo.
- ²⁴ CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 23/4/38. Prontuário de Patrícia Galvão, n.o 1053, f. 96. Fundo DEOPS/SP.
- ²⁵ A LUCTA DE CLASSE. Belo Horizonte, 22/11/38, n° 4.
- ²⁶ A LUCTA DE CLASSE. Belo Horizonte, 22/11/38, n° 4, pp.1-8.
- ²⁷ A LUCTA DE CLASSE. Ano VII, n.o 35. Belo Horizonte, 25/12/37, p. 4.
- ²⁸ A LUCTA DE CLASSE. Partido Operário Leninista, Seção Brasileira do Partido Mundial da Revolução Socialista (Quarta Internacional). Belo Horizonte, 3/6/39, pp. 3-6.
- ²⁹ CIRCULAR publicada por Hylcar Leite, em 5/2/1940. *Vanguarda Socialista*. FLBX (Fundo Lívio Barreto Xavier). CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms.
- ³⁰ GOMES, Angela de Castro (coordenadora). *Velhos militantes. Depoimentos de Elvira Boni, João Lopes, Eduardo Xavier, Hylcar Leite*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1988, p. 184.
- ³¹ ABRAMO, Fúlvio. "Pedrosa e a Quarta". *História*. 9. O Trabalho, Ano IV, n. 132. São Paulo, 18 a 24/1/81. CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo.

- ³² ALEXANDER, Robert. *The Trotskiysm in Latin America*. Stanford, Hoover Institution Press, 1973, p. 76.
- ³³ KAREPOVS, Dainis. *Nos subterrâneos da luta. (Um estudo sobre a cisão no PCB em 1937-1938)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da FFLCH/USP. Mimeo. São Paulo, 1996, pp. 2-3.
- ³⁴ MATHEUS, João. “Um trotskista sem aspas”. *Vanguarda Revolucionária*. São Paulo, 26/10/45, p. 2.
- ³⁵ *A LUCTA DE CLASSE*. Órgão do Partido Socialista Revolucionário (Secção Brasileira do Partido Mundial da Revolução Socialista – Quarta Internacional). n.º 45. Belo Horizonte, agosto de 1939, pp. 1-3.
- ³⁶ ENTREVISTA que Pedrosa concedeu a Robert Alexander, a 14-8-53. In: *Trotskiysm in Latin America*, p. 76.
- ³⁷ PRONTUÁRIO DO PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO, n.º 40.664, f. 142. Fundo *DEOPS/SP*. Arquivo do Estado de São Paulo, fl. 412.
- ³⁸ PRONTUÁRIO DO PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO, n.º 40.664, f. 142. Fundo *DEOPS/SP*. Arquivo do Estado de São Paulo, fl. 8.
- ³⁹ DIRETIVAS. *Vanguarda Socialista*. Diretor: Mário Pedrosa. Ano I, n.º 1. Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1945. CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms, p. 1.
- ⁴⁰ SINGER, Paul. Apresentação. In: HECKER, Alexandre. *Socialismo Sociável: História da esquerda democrática em São Paulo (1945-1965)*. São Paulo: Editora UNESP, 1998, p. 10.
- ⁴¹ *VANGUARDA SOCIALISTA*. Diretor: Mário Pedrosa. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1946. CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms.
- ⁴² GALVÃO, Patrícia (Pagu). “O carinhoso biógrafo de Prestes”. *Vanguarda Socialista*, 31/8/45. CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms, p. 2.
- ⁴³ LOBO, Aristides. “Contra as Internacionais”. *Vanguarda Socialista*, 24/1/1947. CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms, p. 5.
- ⁴⁴ LOBO, Aristides. “Contra as Internacionais”. *Vanguarda Socialista*, 24/1/1947. CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms, p. 2.
- ⁴⁵ SINGER, Paul. Apresentação. In: HECKER, Alexandre. *Socialismo Sociável: História da esquerda democrática em São Paulo (1945-1965)*. São Paulo: Editora UNESP, 1998, p. 12.

Referências

A LUCTA DE CLASSE. Ano VII, n.º 35. Belo Horizonte, 25/12/37.

A LUCTA DE CLASSE. Ano VIII, n.º 37 (II). Belo Horizonte, 25/1/38.

A LUCTA DE CLASSE. Belo Horizonte, 22/11/38, n.º 4.

A LUCTA DE CLASSE. Órgão do Partido Socialista Revolucionário (Secção Brasileira do Partido Mundial da Revolução Socialista – Quarta Internacional). n.º 45. Belo Horizonte, agosto de 1939.

A LUCTA DE CLASSE. Partido Operário Leninista, Secção Brasileira do Partido Mundial da Revolução Socialista (Quarta Internacional). Belo Horizonte, 3/6/39.

ABRAMO, Fúlvio. “Pedrosa e a Quarta”. *História*. 9. *O Trabalho*, Ano IV, n. 132. São Paulo, 18 a 24/1/81. CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo.

ALEXANDER, Robert. *The Trotskiysm in Latin America*. Stanford, Hoover Institution Press, 1973.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. *“Tempos de Viver”*: *dissidentes comunistas em São Paulo (1931-1936)*. Tese de Livre-docência, apresentada ao Departamento de História da FHCSS da UNESP. Franca: 1998. Mimeo.

CARONE, Edgard. Uma polêmica nos primórdios do PCB: o incidente Canellas e Astrojildo (1923). *Memória & História. Astrogildo Pereira. Documentos Inéditos. Revisão do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro*, n. 1. São Paulo, Livr. Ed. Ciências Humanas, 1981.

CARTA DE ARISTIDES LOBO A MÁRIO PEDROSA. São Paulo, 19 de setembro de 1947. FLBX (Fundo Lívio Barreto Xavier). CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms.

CARTA DE ARISTIDES LOBO A MÁRIO PEDROSA. São Paulo, 26 de junho de 1947. FLBX (Fundo Lívio Barreto Xavier). CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms.

CIRCULAR publicada por Hylcar Leite, em 5/2/1940. *Vanguarda Socialista. FLBX (Fundo Lívio Barreto Xavier). CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms.*

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 23/4/38. Prontuário de Patrícia Galvão, n.o 1053, f. 96. Fundo *DEOPS/SP*.

DIÁRIO DA NOITE, 13/1/38. Fundo *DEOPS/SP*. Arquivo do Estado de São Paulo.

DIRETIVAS. *Vanguarda Socialista*. Diretor: Mário Pedrosa. Ano I, n° 1. Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1945. CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms.

ENTREVISTA que Pedrosa concedeu a Robert Alexander, a 14-8-53. *In: Trotskiysm in Latin America*.

GALVÃO, Patrícia (Pagu). “O carinhoso biógrafo de Prestes”. *Vanguarda Socialista*, 31/8/45. CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms.

GARCIA, Marco Aurélio. Contribuição para uma história da esquerda brasileira, em: MORAES, Reginaldo et alii. *Inteligência Brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

GOMES, Angela de Castro (coordenadora). *Velhos Militantes. Depoimentos de Elvira Boni, João Lopes, Eduardo Xavier, Hylcar Leite*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1988.

HAUPT, Georges. Por que a história do movimento operário? *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, n° 10, 1985, pp. 208-231.

HOBBSBAWN, Eric J.. *Revolucionários*. 2. ed. Trad. de João Carlos Victor Garcia e Adelângela Saggiaro Garcia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HOBBSAWN, Eric J. *Pessoas Extraordinárias: Resistência, Rebelião e Jazz*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998.

INFORMAÇÃO do Delegado de Ordem Social ao Superintendente de Ordem Política e Social. São Paulo, 26/4/37. Prontuário n° 37, v. 2, doc. 114, f. 143. Fundo DEOPS/SP. Arquivo do Estado de São Paulo.

INFORME RESERVADO DE “R.H.”. São Paulo, 1/10/37. Prontuário n° 40.664, f. 8. Fundo DEOPS/SP. Arquivo do Estado de São Paulo.

KAREPOVS, Dainis. *Nos Subterrâneos da Luta. (Um estudo sobre a cisão no PCB em 1937-1938)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da FFLCH/USP. Mimeo. São Paulo, 1996.

KAREPOVS, Dainis. Trotsky n’A Luta de Classe. In. Boletim Bibliográfico CEMAP, São Paulo, n. 3, fev. 1985.

LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos Percorridos*. São Paulo, Brasiliense, 1982.

LOBO, Aristides. “Contra as Internacionais”. *Vanguarda Socialista*, 24/1/1947. CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms.

LOBO, Aristides: *Vanguarda Socialista*, 5/4/1946, p. 5. CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms.

MARQUES NETO, José Castilho. *Solidão Revolucionária. Mário Pedrosa e as Origens do Trotskismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

MATHEUS, João. “Um trotskista sem aspas”. *Vanguarda Revolucionária*. São Paulo, 26/10/45.

PELO PARTIDO DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA. PARTIDO OPERÁRIO LENINISTA. *FLBX*. CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms.

PRONTUÁRIO DO PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO, n° 40.664, f. 142. Fundo DEOPS/SP. Arquivo do Estado de São Paulo.

RANCIÈRE, Jacques. *A Noite dos Proletários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SINGER, Paul. Apresentação. In: HECKER, Alexandre. *Socialismo Sociável: História da esquerda democrática em São Paulo (1945-1965)*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

VANGUARDA SOCIALISTA. Diretor: Mário Pedrosa. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1946. CEMAP (Centro Mario Pedrosa), CEDEM/UNESP (Centro da Memória Operária da UNESP). São Paulo. Ms.